PQ 9261
.F35 P6
Copy 1

Class PQ9261
Book .F35P6

238

POESIAS

DE

Maria Adelaide Fernandes Prata,

OFFERECIDAS

A'S SENHORAS PORTUENSES.

PORTO:
Typographia Commercial, rua de Bellomonte n.° 74.

1859.

2140
4265

POESIAS

DE

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

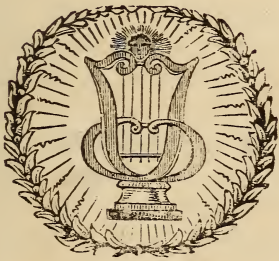
POESIAS

DE

Maria Adelaide Fernandes Prata,

OFFERECIDAS

A'S SENHORAS PORTUENSES.



PORTO:
Typographia Commercial, rua de Bellomonte n.° 74.

1859.

PQ9261
.F35P6

387270
'29

M.T. 258 12.33

A's Senhoras Portuenses.

É a vós, queridas Portuenses, que offereço as minhas poesias, por que só no bondoso coração das Damas poderão ser acolhidas com a indulgencia, que necessitão:

Só vós podereis desculpar-lhes os defeitos sabendo, que os affazeres domesticos para que somos destinadas, nos roubão o tempo necessario para cultivar as lettras.

Porto 22 de Junho 1859.

Maria Adelaide Fernandes Prata.

A' minha Patria.

Ergue a frente orgulhosa, Patria minha,
Não temas d'outros Reinos a grandeza;
Não temas, que seus feitos offuscar-te
Possão na intrepidez, honra, e nobreza!

D'Albuquerque as façanhas cantaria,
Dos Gamas, de mil nobres infanções,
Se nos cantos divinos não tivêra,
Seu valor exaltado o grão Camões!

*.

E repetindo aqui o canto heroico,
Que mais eleva o Solio Portuguez,
Direi como o poeta, aqui narrando
Os inspirados versos, que elle fez :

« Cessem do sabio Grego, e do Troyano
« As navegações grandes, que fizerão :
« Cale-se de Alexandre, e de Trajano
« A fama das vitorias, que tiverão :
« Que eu canto o peito illustre Lusitano,
« A quem Neptuno, e Marte obedecerão,
« Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
« Que outro valor mais alto se levanta. »

Portugal, Patria minha, que ufania,
Não sente o coração em pertencer-te !
Com braço de mulher não tenho a gloria
D'uma espada empunhar, e defender-te ;

Não me cabe essa gloria ; mas em troca,
Os meus cantos acceita filhaes ;
Sem arte, e tão singelos, que só valem
Porque são verdadeiros, e leaes.

A minha lyra.

Quando a vida em amargura
Passo triste a suspirar,
A minha lyra affagar
E' que vem sorte tão dura;
Desferindo-a, sólto ao vento
Queixumes do meu tormento!

Companheira de saudade,
De pranto, e de desventura,
E' ella na soledade,
Que me dá doce ventura,
Que me sópra meiga á vida,
Retardando a sepultura!..

E não sei que mago encanto
Esparge em meu coração,
Que suavisa meu pranto,
E da vida na illusão,
Me dá horas de ventura,
Calmando a dôr, e paixão.

Doce lyra ! meus amores !
Serás minha companhia !
Embora triste, e saudosa,
Tens mysterios, e magia,
Tens só tu mago condão
Em tua doce harmonia !..

Ao nascer do Sol.

Oh ! Que quadro tão bello, e magestoso,
A natureza offerece, abrilhantada
Pelos raios formosos d'este Sol !
As gotinhas d'orvalho prateádas,
Que a Aurora derramou sobre mil flores,
Agitadas agora pela briza
Fresca, e suáve de manhã do estio,
Em diamantinos iris se tornárão,
Para o Templo adornar do Creador !
Que tapete mais digno para um templo,

Que de flores a terra alcatifada ?
E que melhor altar, que uma collina,
Onde os raios do Sol pousão ufanos,
Mil lustres já suprindo, mil brandões?
Ahi, oh ! quanto é bello contemplar
Dos Astros o mais lindo, e magestoso
Como a obra do Senhor mais grandioza !

Só, e no meio aqui da natureza,
Cercada pelos bosques, e campinas,
Gigantescas montanhas descobrindo,
Das vagas o ruido ouvindo ao longe,
Boliçosas quebrar-se nos rochedos;

Ora doces gorgeios escutando
Das aves saudando o novo dia,
Quem respeitoso aqui não dobrará
Já o supplice joelho, a Deos erguendo
Um cantico d'amor, reconhecendo-o
Como Sob'rano Autor dos Ceos, do Mundo ?

Ave-Maria.

Ave-Maria, que hora saudosa !
Que mysterio encerra de recordação !
A virgem mais bella imagino ver,
Co'os olhos no Céo, pósta em oração.

Ideio nos Céos um Anjo formoso,
Cercado de luz, á terra baixando,
E junto á joven mais pura, mais linda,
Ave-Maria, diz elle, saudando :

Deos é comtigo, virgem fortunada!
Eu te saudo! Tu achaste Graça
Perante o Eterno, que o Mundo formou;
E a offerta Santa, que aos homens legára,
Foi cumprida agora! Em ti encarnou!.

Horas de tristeza.

Amo da noite o silencio,
Amo a Lua triste, e bella,
Amo os cantos tão sentidos
Da saudosa filomela.

Amo os solitarios bosques,
Amo o ruido das vagas,
Amo divagar sósinha
Lá n'essas desertas plagas!

Do triste, que já não vive,
Amo a campa abandonada,
Amo a donzella, que chora
A ventura já passada !..

Amo quem na Patria deixa
Parentes, amor, ventura,
Quem longe nutrir saudades,
Vae sósinho, em amargura !

Amo isoladas montanhas,
Amo a fresca madrugada,
Amo o triste lirio roixo,
Amo a rosa desmaiada.

Amo a tarde ao por do Sol,
Amo a fonte cristalina,
Amo a virgem, que suspira,
Amo a estrella matutina.

Até do cisne expirante
Amo o canto mavioso,
Amo tudo quanto ha triste,
Amo quem é desditoso !..

Bernardim Ribeiro.

Que saudades não sentiu
O desditoso amador,
Quando do Tejo partiu
Beatriz, o seu amor!
No baixel os olhos fitos,
Ai, que momentos afflictos!
Soffreu da sorte os delictos,
E lá d'esse averno o horror!..

Ao Paço o real cortejo
Saudoso se recolhia,
E só nas margens do Tejo
Um desgraçado se via !
Immovel, extasiado,
Para o mar inda voltado,
Intento desesperado
N'esse instante lhe ocorria !..

Oh ! n'esse abismo do mar,
A' vida termo quiz pôr,
Acabar o seu penar ;
Ir sepultar sua dor,
Mas hesita ; quer viver,
Quer amar, e padecer,
D'instante a instante morrer,
Pensando no seu amor !

Poeta-desventurado,
Foi como Tasso, e Camões ;
Foi tambem contrariado,
Como elles nas paixões.
Infeliz, e perseguido,
Por que tinha comprehendido
Da Princeza o amor subido,
Que liga dous corações !

E Beatriz, que saudade
Em su'alma não soffreu !..
D'esp'rança a felicidade,
No coração lhe morreu...
Quanto em silencio sentia,
Ah ! Ninguem o comprehendia,
Nem ella seu peito abria,
Na soledade gemeu !

N'esse consorcio cuidárão,
Tornal-a mui venturósa ;
Porem, como s'enganárão !..
Longe da Patria, saudosa,
Foi nutrir sua paixão,
Occultar no coração
Segredos, que d'amor são ;
Beatriz não foi ditósa !..

Engeitada.

No Mundo isolada, eu vivo chorando !
Parentes não tenho, não tenho um amigo !
Sou pobre, e não tenho quem riso, ou dor
Reparta commigo !..

Caricias de Mãe, nunca esp'rimentei,
E o doce nome d'um querido Irmão,
N'esses folguedos d'infancia a sorrir,
Ah ! Nunca ouvi, não !

E no Universo sem guia passando,
Lá n'essa idade d'amor, d'illusão,
E sem que as traições soubesse do mundo
O meu coração!

Cedi ás meiguices d'um pérfido amante!..
Depois abandono, saudades e dôr
Ficárão á triste, que ao Mundo os seus olhos
Ergue com horror!..

O meu Coração.

Aqui n'um debil peito de mulher,
Báte-me um coração altivo, e forte,
Que não podérão inda aniquilar
Os caprichos crueis da dura sorte!

Muitas vezes não posso socegado
Contel-o n'este seio tão ardente,
E seus voos elevados descrever
Quizéra; mas talvez não saiba a mente!..

Quando escuta do Tasso, e de Camões
O canto tão subido, e sonoroso,
Pulsa forte no peito, e só no mundo,
Da Musa, que os guiou, é invejoso!

P'ra ás lições de Minerva consagrar
O tempo, que perder me vê sentido,
Quizera em peito d'homem ser formado,
Das lettras a carreira ter seguido!

Da gloria a ambição, só pela gloria
O pobre coração 'stá dominado;
Mas não pode expandir-se, não tem forças,
No esquecimento morre sepultado!..

Sapho.

Que poetisa famosa
Não foi Sapho enamorada!
Que Musa tão primorosa
Era a sua apaixonada!
Foi poetisa d'amor,
E ninguem com mais ardor
Exprimiu a magoa, a dor
Da mulher abandonada!

A Grecia pode orgulhosa
O seu talento exaltar,
Por qu'outra mais portentósa,
Inda a não veio offuscar;
O seu canto altisonante
Vae correndo sempre ávante,
Nascido d'um seio amante,
Que trovou a suspirar!..

Ditoso quem junto d'ella,
Lhe ganhasse o coração,
E da poetisa bella
Avaliasse a paixão!
Que venturoso mortal!
Não teve Sapho uma igual,
E jamais teve rival
Seu canto na inspiração!

Mas amou por desventura
Esse joven leviano,
Que su'alma nobre, e pura,
Não pôde tornar ufano,
E longe de comprehender
Seu valor, tanto saber,
Ingrato a foi esquecer,
Sem prever da triste o damno!

E pudéste, homem sem tino,
Sem alma, nem coração,
Renegar no teu destino
O mimo d'essa paixão?!
Sapho, que até orgulhoso
Tornara o Rei mais famoso,
Olvidaste-a desdenhoso.
Com infame ingratidão!!!

Dominada por amor,
Jámais se pôde vencer,
E da paixão n'esse ardor,
Resolveu então morrer!..
Por Phaon abandonada,
Adora-o mesmo olvidada,
E sendo tão desgraçada,
Jámais o pode esquecer!..

Sóbe ao Leucade fatal,
E vagueia um pouco errante;
Pára, hesita, e da rival
Recorda-se delirante,
E exclama: « Oh! venturósa,
« Tu, que desfructas gostósa
« Os encantos seus ditósa,
« De Phaon tu, que és amante!..

« Que feliz a tua estrella !
« Tu ámas, e és d'elle amada,
« Que venturosa donzella !..
« Eu amei ; mas olvidada
« Fui no extremo da paixão,
« E senti no coração.
« Qual incendido volcão,
« Ai ! soffri qual condemnada !..

« Para sempre adeos, cruel !..
«Phaon ! Adeos...vou morrer !..
« Amo-te mesmo infiel,
« E já não posso conter
« Na minh'alma tanto amor !
« Augmentou com teu rigor ;
« Mas agora é tal a dor,
« Que mais não posso viver !..

E já d'esse abismo á beira
Se aproxima em tremor fórte,
E pela vez derradeira
Lamenta o seu Fádo. e Sórte,
E estreitando ao coração
Um retrato de Phaon,
No delirio da paixão,
Lança-se ao mar, busca a morte !..

Na Campa d'uma Amiga.

Esqueceu-te o mundo, amor,
Ninguem aqui vem chorar.
Ninguem vem na tua campa
Uma roza desfolhar!

Aqui só negros cypreste
Fazem tua companhia.
Tudo aqui é só silencio,
Apenas o mocho pia!

O mundo de pressa olvida
Dos finados a mansão!
Ninguem aqui vem trazer
Um suspiro, uma oração!..

Em paga de tanto olvido,
Uma lagrima saudósa,
Na tua campa verter
Vem a amiga carinhosa.

O Pastor.

Não tenho mais, que a chóça, que um rebanho
E vivo aqui feliz, pobre, olvidado;
Não possuo palacios, nem grandezas;
Mas a vida com paz tenho gozado:

Dos grandes o favor sem mendigar,
D'elles vivo distante, independente;
Quer se elevem ou caião, minha sorte
Nunca esteve da sua dependente:

Sem ambições, humilde, não receio
Os revéses do Fado caprichoso;
Só aspiro lograr d'uma pastora
O rosto encantador, dino, e formoso!

Tem olhos negros
D'enfeitiçar,
A scintillar
Como as estrellas;
Do collo bello,
Alabastrino
Cae d'ouro fino
Lindo cabello.

Mil Amorinhos
Em torno d'ella,
A face bella
Querem beijar;
Mas ella foge,
Receia amor,
E seu rigor
Téme provar.

Quer só no prado,
Com mão formosa,
Colher a rosa,
Ornar a fronte,
E sem demora
Chamar o gado,
E do outro lado
Subir ao monte.

A'morte do Ill.mo Snr. Joaquim Raurino da Costa.

Morreu !.. Por que a lei da morte
Virtudes não isentou,
Nem o genio respeitou
O seu mortifero córte!
Ao seu imperio mui fórte,
Raurino tambem cedeu,
E qual cisne pareceu
Soltando o canto mimoso,
Que ha pouco ainda saudoso
Do leito nos off'receu !

Era leal cidadão,
Pugnou pela liberdade,
E sempre ésta divindade
Defendeu do coração ;
Pelas Musas a paixão
A' Patria sua mostrou,
Nos versos seus lhe legou
Um padrão de sua gloria,
Que ficará na memoria
De quem Patria e throno amou!

Ao por do Sol.

Como está socegada a natureza,
N'est' hora tão fagueira ao pôr do sol!
Das collinas lá descem os pastores,
O manso gado alegres conduzindo;
D'acolá se despenha cristalino
O ribeiro, que ao lago vae perder-se;
Contente o camponez na choça guarda
As searas, que o estio produziu,
E do fertil Outono sazonados
Os doces fructos colhem os infantes:
D'uma cabana junto, mais álem,
As finezas d'amor ouve gostosa
Ao aldeão a joven camponeza;
Sobre um banco de relva recostado,
Ensina o velho ao neto pequenino,
D'Ave-Maria a angelica oração:
Mais contente, que um rei no solio seu,
Lá desce da montanha o caçador,

Affagando o rafeiro, que uma parte
No prazer da caçada houve tambem;
Entre copadas arvores s'escondem
As aves, que cantando se despedem
Do dia, que findou e mais não volta.

Que magestade offrece a natureza,
Onde tudo é saudade e poesia!..
Approxima-se a noute, e já desertos
Os outeiros e bosques se divisam;
Das fadigas do dia descançar,
Nos braços de Morpheu em sonho meigo,
Em breve irão d'aldea os camponezes;
Só eu aguardo a noute solitaria!
Da lua espero a luz branda, e fagueira,
N'abobada celeste a scintillar,
Mil estrellas radiantes amo ver;
Aspirando da brisa o fresco sopro,
Agrada-me da noute a solidão,
E o murmurio ouvir da fonte pura,
D'antiga torre á beira esvoaçarem
Essas, que piam agoureiras aves;
E na fronte escondida quando a aurora,
As lagrimas verter refrigerantes,
Filtrando o coração, após ás veias,
Este sangue abrasado acalmarão!..
Cançada de velar, então Morpheu,
Repouso me dará nas leves asas!

A' Philosophia.

Tu engrandeces o homem,
Ensinando-o a bem pensar,
Foi por ti, que antiga Athenas,
Os sabios fez prosperar,
Que deram ao mundo leis,
Servindo de norma aos reis !

Inspiras ao coração,
Desprezo p'r'os vãos cuidados,
Que tornam pezada a vida
Aos peitos afeminados,
Que s'adornam como as damas,
'Squecendo o valor dos Gamas !

Um Socrates, Demosthenes, Platão,
Devem a ti a gloria que alcançaram,
E tão sabios escriptos, que deixaram,
Inda servem ao mundo de lição!

Se não fôra Alexandre, ser Dioges
Alexandre chegou a desejar!
Tu fazes o philosopho egualar
Aos grandes das nações, monarchas, dóges!

Mas verga o escudo teu á desventura!..
Quando a desgraça é tal, immensa, e forte,
Cede a philosophia á cruel sorte,
Restando só no mundo a sepultura!..

O escravo.

Que vida de pranto e dôr
Não arrasto sobre a terra!
Soffrera menos rigor
Por entre os riscos da guerra,
Ou caminhando na serra,
Entre as feras a viver,
As matas a percorrer,
Era livre, e a liberdade
Era a minha divindade,
Só me resta hoje morrer!..

Riquezas, honras da terra,
Avarento não invejo,
A minha ambição encerra
Apenas um só desejo...

Dos homens livres a sorte!
Embora depois a morte
M'arrebate de prazer!
Comtanto, que venturoso,
Eu diga um dia gostoso,
Já livre posso morrer !..

A ave de ramo em ramo,
Porque canta prazenteira ?
Porque gosa o bem supremo
Da liberdade fagueira !
Se a escravisassem, gemera,
E de saudades morrera !..

Que direito tens, oh ! homem,
P'ra teu 'scravo me tornar ? !
Quem te dictou essa lei
Do meu amargo penar ?
Não te accusa a consciencia ?
Não vez a minha innocencia ?

E não tenho como tu,
Uma alma, um coração ?
Como tu não poderei
Sentir d'amor a paixão ?
Até á gloria aspirar,
E no mundo fulgurar ?

Como tu tenho paixões,
Sei pensar, e ter amor;
Sou escravo; mas sou homem,
Tenho saudades, e dor,
E choro na soledade
Pela minha liberdade!..

Torna-me livre, e serei
Teu amigo e defensor,
Destróe com a liberdade
O meu antigo rancor;
Escravo... não posso amar-te,
Terrivel hei-de odiar-te!..

Ao dia natalicio do Ill.mo e Ex.mo Snr. João Baptista Ribeiro, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Commendador da Ordem de Christo, e Cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, etc. etc.

A Musa, que elevou grandes talentos,
Quizera n'este dia m'inspirasse,
Para que altas virtudes eu cantasse,
De quem n'arte, e virtudes faz portentos !

De quem exalta o sólo onde nasceu,
Tornando Lisia ufana, e orgulhosa ;
Pois é um de seus filhos, que vaidosa
Quer que conheça o mundo como seu.

De Baptista jámais o nome illustre,
Lisia de seus annaes extinguirá ;
Quando o fatal tributo a vida pague
Do genio a memoria ficará !

Acabam uma após outra as gerações,
O colosso, a estatua cahirão ;
Mas do eximio artista as producções
Ao sec'lo derradeiro chegarão !

E' mais, que a primavera, é mais que
o outôno,
O bom pintor é mais, que a natureza ;
Os fructos, que lh'apraz produz no inverno,
Faz appar'cer a rosa com belleza !

De tão remotas eras quem nos trouxe
De famosos heroes cópia fiel ?
Quem ? A não ser est'arte tão sublime,
A não ser do artista o bom pincel ?

Se me coubesse a gloria lisongeira,
D'uma corôa tecer, ir offertar,
N'este ditoso dia prasenteira,
A vossa fronte iria coroar.

A Deosa, que das artes protectora,
Aos humanos não cede a primasia,
Lá no Olimpo prepara ao seu dilecto
A corôa que lhe dá com ufania !

A noviça.

Aqui n'este mosteiro solitario,
Onde tudo é silencio e oração,
Quem diria, que se nutre aqui amor
Dentro d'este rebelde coração!..

Prostrada junto ás virgens do Senhor,
Como ellas o contemplo, choro, e rezo;
Mas em breve esses Anjos, Deus, e o Céo,
Por um simples mortal perjura esqueço!

Incessante, ah! Eu rogo ao Creador,
Que me extinga d'amor a chamma ardente,
E que a Virgem, a gloria, o Paraizo
Em celeste visão me traga á mente!

Ah! De quantas desgraças foi origem,
Esse pae tão cruel que o ser me deu!
Movido pela vil, torpe ambição,
A deixar mundo, amor me constrangeu!

Para consorte o joven, que eu 'scolhia,
Era filho segundo, sem riqueza;
Mas tinha os dotes d'alma grandiosos,
De pundonor, virtude, e de nobreza.

Esses mundanos bens tão illusorios,
Para o seguir, contente abandonára,
E do mundo n'um canto recondito,
Ao lado seu feliz eu habitára!

Amava-o como a Deus quizera amar,
N'elle só tinha fé, esp'rança, amor,
Só n'elle via o Céo, o Paraizo,
Amando-o cada vez com mais ardor!

Como o fado mudou a sorte minha!..
Ai! que inferno, que magoas no porvir!..
E é hoje, oh meu Deus! hoje que cumpre,
Ir meus votos sagrados proferir?!..

Irão dizer meus labios o que!
Desgraçada não posso inda sentir?..
Cilicios, orações, retiro, e Deos,
Este amor não poderam destruir!!

N'este dia me cumpre adeus eterno
Para sempre dizer ao mundo, a amor!..
E' hoje, que por Deos cumpre extinguir,
Da mais nóbre paixão o vivo ardor!

Do sino o som lugubre, compassado,
Do meu martyrio a hora annunciou;
Chama ás áras sagradas a mulher,
Que no Mundo em delirio tanto amou!..

Onde estás tu meu bem, Affonso!..
amor?..
Ah! Inda é tempo, vem! e nos teus braços,
Comtigo leva a amante ao fim do mundo,
Unida a ti em meigos, doces laços!

*

Que! Lá entra um ataude,
No meu dia de professa!
Ah! que vejo! Tudo é luto,
Lá 'stá erguida uma éça!

As freiras todas em côro,
Vão orar pelo finado ;
Irei tambem, talvez fosse,
Um amante desgraçado...

Já o supplice joelho,
Amante triste curvou,
E mal qu'ergue o rosto lindo,
D'horror que quadro avistou !..

D'estertor um brado agudo,
Pelo templo resoou,
Por terra jazendo a virgem
Desmaiada, qu'espirou !..

*

E'ra d'Affonso o cadaver,
Que a amante reconheceu,
Sem ella viver não pôde,
E de saudades morreu !..

Deu motivo á seguinte poesia a questão franco-portugueza, originada pelo aprezamento do navio negreiro.

O Amor da Patria.

Com as vestes humildes da ovelhinha
Algum tempo o leão se revestiu;
Mas sua condição feroz, altiva,
Em breve seu disfarce desmentiu.

Ergue no throno seu a fronte altivo,
Esse, que hoje da França o povo rége,
E sobranceiro os olhos ás nações
Lança sem que a ventura lhes deseje !..

*

Em quanto de monarcha as regalias,
Das grandezas no meio, altivo goza,
De Bourbon a familia desthronada
Carpe a patria, e o solio desditósa!

Do seu destino ufano, a força bruta,
Qual barbaro, por lei conhece só;
Brios, honra, dever, tudo olvidando,
Quebra d'uma aliança o santo nó!!

Offuscando a verdade, acha pretexto
D'affrontar um monarcha, um povo inteiro,
'Squéce, que esse monarcha é Rei dos Luzos!
Que d'antiga progenie é o herdeiro!

Que longe de temer cruel remorso,
O throno, que é tão seu, affoito trilha;
Ninguem sônha seus dias encurtar,
Entre um povo fiel governa, e brilha.

Ao ver desacatada a patria minha,
No peito o coração pulsou mais fórte,
Senti, que me girava inda na veias
Esse sangue d'Héroes d'altivo pórte!

De meditar cançado adormeci;
Eis, que do pó, das cinzas resurgindo,
Em sonhos vi os Castros, e Albuquerques,
Um apóz outro a mim se dirigindo;

Depois Fuas, Martins, e outros Héroes
Com medonho estampido, das espadas
Mui rapidos tiraram n'um só tempo,
Conservando-as na dextra levantadas.

«Mancebo, (disse o Castro a fronte erguendo)
«Os manes, que aqui vês, não terão paz,
«Em quanto a affronta vil tu não vingares:
«Vae;—e os brios d'outr'ora appar'cer faz!»

A espada me cingiu, e a cruz no peito,
De nobre cavalleiro me pregou,
E depois denodado, a combater
Pelo rei, pela patria, m'exhortou:

«Não temas pois (me diz) esse gigante,
« Como elle outros gigantes já cahiram,
« Roma altiva cahiu, e Macedonia,
« Troia, Thebas, Carthago succumbiram.

« Finou-se Bonaparte em Santa Helena,
« Querendo o mundo inteiro assoberbar ;
« Soffre terrivel córte cedo ou tarde
« Quem das gentes o d'reito desprezar :

« Se a patria a seguir-te recusar,
« Toma este punhal! Vinga tu só,
« Honra, brios, e d'reitos da nação,
« Da vida o sacrificio dá-lhe em pró! »

Tal impressão me fez o sonho estranho,
Que a executal-o já me resolvia!
Lancei mão do punhal, terçado, e arnez,
E ébrio d'enthusiasmo já partia!

Deixando pae, e mãe, amante, amigos,
Affastava-me já do lar paterno,
A todos occultando o meu segredo,
No coração lhes dava adeos eterno!..

*

Caminhando um pouco ávante,
Vi d'um templo, que sahia
Formosa, gentil donzella,
Que p'ra mim se dirigia ;

Vinha d'orar ao Senhor,
Na missa da madrugada,
Tão pura, tão fresca, e bella,
Como a rosa inda orvalhada.

« Onde vás (ella me diz)
« Cavalheiro desposado,
« Onde vás tão cedo ainda,
« Por est'arte preparado ? !

« Sem ao menos um adeos
« A' tua Eliza dizer,
« Onde ias tu, cavalleiro,
« Que irias álém fazer ?..

« Sonhei, que arriscada empreza
« Sombras d'Héroes te lembraram,
« Que para a Patria vingares,
« A amante, e noiva olvidaram !

« Mal nos Ceos raiou a Aurora,
« Fui por ti a Deos orar,.
« Para o meu sônho terrivel
« Nunca vêr realisar !

« Detem-te, ó gran cavalleiro !
« Meu desposado, meu bem !
« De ti já não és senhor,
« Não prosigas mais álém.»

*

Suffocou tão alta empreza,
A pod'rosa voz d'amor ;
Mas da Patria pela offensa
Inda n'alma sindo a dor!..

A' Saudade.

Acompanham-te mágoas, e tristezas,
Desventuras, e dor, agro tormento ;
No silencio dos bosques, e montanhas,
Isolada teus ais soltas ao vento :

A vida, que tu vives, triste vida,
E' continuo o penar, sempre sentir!
Cançada de soffrer, fugiu-te a crença,
Não tens d'esp'rança um raio no porvir !..

Outra ambição não tens, outro dezejo,
Que livre tuas lagrimas verter;
Do bulicio do mundo ora afastada,
Já que elle te não soube comprehender !..

Tua dor sem cessar, tua agonia,
Da campa te aproximam para a beira,
Presagia-te o peito, que essa estancia
A paz só te dará tão lisongeira!

Qual nauta, que demanda alegre o porto,
Demanda o desgraçado o frio, tum'lo;
Regresso outro não tem quem já provou
Do martyr o soffrer até ao cum'lo !..

A' Religião.

Bella filha do Céo, sem ti, na terra,
Dos Fados o rigor não soffreria ;
De mágoas opprimida, de tormentos,
Sem esse auxilio teu, succumbiria!,,

Submersa n'um mar de desventuras,
Fluctuava a minh'alma aniquilada,
E guiára-me em breve para o tum'lo,
Se não fora por ti reanimada!

Bradou-lhe tua voz celeste e pura,
Erguendo-a d'esse abismo das paixões,
Desprezo eterno ao mundo lh'inspirou,
Elevando-a ás ethérias regiões:

Desperta (ella me diz) os vãos cuidados
D'esse mundo não tómes passageiro;
Ahi tudo é vaidade, e fingimento,
Egoismo, e vil engano traiçoeiro!

Consagra-me da vida os poucos dias,
Torno-os eu só alegres, e ditósos;
Apenas por mim só val a existencia,
D'esses gozos fugindo mentirosos!..

A Virgem ao desabrochar.

Que encantos não tem a virgem
Formosa o desabruchar!
E' o dia alvorecendo,
E' qual sól a despertar;

E' tão linda como a roza,
Ao desfazer do botão,
Em antes de ser tocada
D'alguma travessa mão;

Tem dos Anjos a innocencia,
E revela só candura;
Traduz-se-lhe em gesto, e riso
Uma alma angelica, e pura:

E' linda como uma estrella
Lá no Céo a scintillar;
Nem eu sei, que haja mais bello,
Que a virge ao desabrochar!

A mulher pura, innocente,
E' do mundo a maravilha,
E' qual Anjo sobre a terra,
E' do Céo candida filha!

E' quem ao jóven poeta
Inspira cantos d'amor;
Quem lhe faz sentir no peito
Da paixão o vivo ardor:

Sonha-a linda, d'olhos negros,
Só, e triste a suspirar,
E tão meiga, e saudosa,
Como elle a busca p'ra amar;

Sonha-a pura, e tão pura, que seu berço,
Lhe imagina nos Céos, e a patria sua;
Pede-a aos montes, e valles, delirando,
Pede-a aos homens, ao mar, ao sól á lua!

No Album d'uma Senhora.

Foi teu berço na Patria dos Héroes,
N'essa Italia, outr'ora tão famosa,
Que o mundo conquistou, dando-lhes as leis,
E vencendo Carthago grandióza!

Se hoje do pó, das cinzas resurgissem,
Que diriam Pompeo, Cesar, Trajano,
Vendo os seus por estranhos affrontados,
Flagellos mil soffrendo, e tanto damno?!..

Hoje és sombra, ó Italia, do que foste!
Muda tudo na terra a vária sorte;
Mas esses, que te opprimem, cedo ou tarde,
Como tu soffrerão terrivel córte!

Dezembro de 1858.

No mesmo Album.

De Veneza linda flor,
Que no Porto hoje fulgura,
Com tanta graça, e candura,
Que a todos inspira amor ;
Da sua voz o primor
Os Anjos faz recordar,
E o coração 'xtasiar,
Até do mundo esquecer !
Quem ditoso a conhecer,
Jámais a póde olvidar !

Da Patria tua a saudade,
Possas tu suavisar ;
Para que de nos deixar
Nem sonhes a crueldade !
Deixa, que a felicidade,
De possuir-te gozemos,
Que longo tempo escutemos
Da tua voz a harmonia,
Que nos faz ditoso o dia,
Em que felizes te vemos.

Horas de Melancolia.

A minh'alma está triste e tão saudosa,
Que da vida soffrer mal pode o pezo!
De tormentos oppresso o desgraçado,
O mundo só lh'inspira odio, despreso!

Esperanças, venturas lisongeiras,
N'um momento destroe ferina sorte,
Deixando ao coração só pranto e dor,
E breves os instantes para a morte!...

Se da vida a carreira fora longa,
Do triste, ah! que seria, a quem a sorte,
Com rigor assentasse a mão pezada,
Faltando-lhe essa esp'rança, que ha na
morte?..

Se n'alma seus espinhos não tocassem,
Gozara-se no mundo um mago encanto,
Se a não ferissem tanto, que deixassem,
Para sempre só dor, saudade, e pranto!..

A um dia de ventura, e doce paz,
Seguem-se mil d'angustia, e de tormento!
De revezes só cheia a triste vida,
Vive para arrastar o soffrimento!..

O mundo é illusão! a vida um sonho!
Do qual para morrer só se desperta!
Um sonho horrivel, que produz a dor,
A fortuna buscando sempre incerta!..

Leandro, e Hero.

Logo que Febo offuscava
A luz brilhante do dia,
Já o Hellesponto passava
Leandro com ousadia.
Do mar o risco olvidando,
Por entre as vagas nadando,
Ia a praia demandando
Lá onde um phanal luzia:

Hia ver Hero formosa,
Amante sua adorada,
Que longe delle saudosa,
Suspirava apaixonada,
Anciando com ardor,
Que a noute com seu favor
Lhe trouxesse nesse amor
A ventura desejada!

Ah! de quantos juramentos,
Foste, ó noute, a confidente!..
Que amorosos pensamentos,
D'amor na incendida mente;
No silencio teu calaste...
Revela quanto escutaste,
O que no seio occultaste,
N'esses felizes momentos!...

Ah! Dize e revela a dor,
Que a desditosa soffreu,
Quando o misero amador
Entre as vagas feneceu!
Revela qual a paixão,
Horror, desesperação,
Que sentiu no coração,
Quando o seu amor perdeu!

Nessa noute de terror,
Em que o raio scintillava,
Em que o vento com furor
Já o Hellesponto agitava;
Louco d'amor, denodado,
Sem temer o mar irado
Vae como era costumado,
Ver aquella, que adorava!

Ouve o mar medonho, e forte,
A amante triste, e saudosa,
E não cre, que desta sorte
Houvesse alma corajosa,
Que ao mar se fosse arrojar,
Entre as vagas a luctar;
E o phanal vae apagar,
Nunca mais sendo ditosa!..

Porém, ah! O terno amante
'Stá d'amor tão abrasado,
Que sem temer corre ávante,
Que o pharol illuminado,
Era a sua luz, seu norte;
Mas oh dor!... já se apagou!
P'r'o triste tudo acabou,
Não resiste á dura morte!...

Sabendo a nova fatal,
D'Héro foi a dor tão forte,
Que jámais houve outra egual!
Brada, suspira, e na morte,
Vê só termo a seu penar,
E arrojando-se no mar,
Foi a existencia findar,
E do seu bem teve a sorte!..

A Alegria.

Formosa como a roza da manhã,
Com sorriso nos labios purpurinos,
Longos cabellos d'ébano estendidos,
Que os Zefiros brincando lhe agitavam;
Dançando a Ninfa vinha prazenteira,
Affrontando dos Fados o rigor;
As companheiras suas busca alegre,
A brincar as convida folgazã,

*

Ora tece grinaldas, enfeitando
A fronte das amigas graciosas;
Ou já tempera a citara cantando,
Engraçada canção, que ao riso move:
Ergue-se n'um instante, corre, salta,
Respira só prazer, felicidade;
Sem ver na estrada sua um 'spinho só,
Os caprichos da sorte desconhece,
E mesmo em seu poder até não crê.
Lá em céo claro e puro a sua estrella
Se mostra radiante, sem que as nuvens
Tenebrosas podessem eclypsá-la.

Arminda.

Ballada.

Inda no verdor dos annos,
A vida já aborrecia ;
O mundo, seus atractivos,
Arminda tudo esquecia ;

Só na escuridão da noute
Algum allivio encontrava,
Junto a funebres cyprestes,
Mil suspiros exhalava :

A's vezes ella buscava
Dos mortos triste morada,
Onde tudo é só tristesa,
Onde só se encontra o nada!

Levanta o pallido rosto,
Pela saudade abatido,
Que outr'ora já foi tão bello,
Que já foi tão pretendido!

Formosos olhos chorando,
Ergue ao Céo amargurada,
E suas queixas sentidas,
Faz ouvir angustiada:

Já fui amante querida,
Já fui outr'ora feliz;
Mas que morresse ditosa
A minha estrella não quiz!..

Lá no templo do Senhor,
Já refulgião brandões,
E no meu nobre castello
Ordenavam-se funcções;

Para ser d'Affonso esposa
Tudo estava preparado;
Mas ah! elle não chegava...
As horas tinham passado!

Esperou-se uma, e mais outra,
E elle sem apparecer,
E já meu coração triste
Começava a esmorecer!

Partiram pagens, amigos,
Em toda a parte o procuram,
E de m'o trazerem breve
Todos elles me asseguram.

Trouxeram-m'o... mas sem vida!...
O vil conde o assassinou,
Porque sempre o seu
A minh'alma recusou;

Dos seus infames projectos
Inda o monstro não desiste,
Não cessa de perseguir-me,
Em sua paixão persiste!

Oh Ceos! (a misera exclama)
Eis o meu perseguidor ;
E eu, aqui, só, indefeza,
Que tormento ; oh ! Deus, que horror !

N'isto o Conde se aproxima,
E junto d'ella chegou,
E affectando ternura,
Por est'arte lhe fallou :

«Bella Arminda, meus amores,
Só por ti sinto paixão ;
Só por ti sinto no peito
Abrazar-se o coração.

«Vem commigo desfructar
Meus castellos grandiosos,
Onde falta só o brilho
D'esses teus olhos formosos!

«N'esta lugubre morada,
Não murches tua belleza;
Deixa esse véo luctuoso,
Que te occulta a gentilleza.»

A donzella desditosa,
Não pode mais escutar,
E erguendo o rosto altiva,
Assim começa a fallar:

«Não 'speres, seductor vil,
Que por ti eu sinta amor;
Tu só podes inspirar-me
O desprezo, o odio, o horror!

A vida que envenenaste,
Deixa-a em paz aqui findar,
E das campas o sagrado
Não venhas tu profanar!»

«Insensata; tu não sabes,
Que da força posso usar?
Que posso com braço forte
Teu debil corpo levar?»

E já o barbaro Conde
Ia Arminda arrebatar;
Mas recua horrorisado
Ao ouvil-a exclamar: —

«Oh! Sombra do meu Affonso!
Roga a Deos em meu favor,
Ergue-te desse teu tumulo,
Fulmina o teu matador!...»

Isto disse: — e apóz instantes
A sombra se levantou,
E o Conde já agarrando
P'ra a sua campa o levou!!

Arminda cáe de joelhos,
Ora a Deus agradecida;
E passando um breve instante,
Era um corpo já sem vida!

A' Melancolia.

Companheira da noute saudosa,
Tu érras sobre a terra sempre triste;
Buscas a solidão, não te intimidão
Ermas montanhas, solitarios bosques:
Dos mortos a morada ás vezes buscas
Entre negros cyprestes onde piam
Essas nocturnas, agoureiras áves;
Ora em deserta praia divagando,
Apraz-te ver do mar a immensidade,
Enlevada n'um extasis te olvidas
Das vagas, que fugir fazem-te á pressa!

Outras vezes sentada n'um rochedo,
O sol vês esconder-se no Occeano,
E surprehender-te a Aurora inda na praia!
Se os ventos com furor sopram raivosos,
Já o mar agitando embravecidos,
Se rebomba o trovão, scintilla o ráio,
Voltar par'cendo ao cháos o Universo,
Contemplas este quadro sem pavor,
Pois abalo maior sentes no peito!...

Despedida.

Triste, desventurado, oh ! Nize, eu parto !
Sinto a vida esvair-se, sinto a morte !
A morte... ah ! sinto mais... a saudade,
Que cauza maior dôr, ancia mais forte !

Deixo, Nize gentil, amor, a vida,
Alegria, prazer, deixo comtigo ;
Qual massa inerte, bruta, assim eu parto,
Desgraçado, sem nórte, ávante eu sigo !..

Separar-me de ti ordena o fado!
Ordena-me as angustias lá do avérno!
Mas eu succumbo á dôr... oh! Nize, eu
morro!...
A minh'alma recebe, o adeos eterno!...

A Tempestade.

Que quadro tão horrivel, magestoso,
A natureza off'rece n'este dia!
Do mar, que brame irado, enfurecido,
Fogem immensas áves 'spavoridas!
Sopram os aquilões enraivecidos,
Arvores derrubando agigantadas!
E já da terra o pó erguendo aos ares
Por instantes se eclipsa o firmamento:
Negras nuvens o claro sól offuscam,
De trevas já cubrindo a natureza,
Allumiada só de quando em quando,
Pela luz desbotáda do relamp'go:

Cada vez o trovão mais perto troa;
Aproxima-se o raio estragador;
Já arde ao camponez da choça o colmo,
Que a faisca terrivel lhe arruinou:
Das montanhas lá descem os rebanhos,
Que a tempestade poz em confusão,
Matando-lhe os novilhos pequeninos,
Com a chuva de pedra estrepitosa:
Na Igreja a torre antiga, e veneranda,
Céde á força do raio, e cae em terra:
Lá se avista no mar desmastreado,
Ao ludibrio das vagas um navio,
E adiante em jangada mal segura,
Luctando com o mar embravecido,
Por salvar-se trabalham infelizes,
Vendo junto de si o abysmo, a morte!
D'aqui, e d'acolá brados se escutam,
Horrores só se veem, estragos, morte!
Parece que na terra hoje passou,
Do exterminio esse anjo despiedado,
Que em seu trilho só deixa pranto, e dôr!!

A ausencia.

Vivo longe de ti amargurado,
Se viver póde ausente quem te adora!
Nada mitiga aqui os meus pezares,
De socego não tenho uma só hora!

Occupada de ti sempre a memoria,
Tua imagem figura em toda a parte;
Corro cheio d'amor, vou junto d'ella,
Foge, sem que um suspiro, eu possa dar-te!

O sol que me allumia aqui não brilha,
Não vejo nos seus raios já belleza ;
O sol da minha vida és tu, Anarda,
Teus olhos tem mais luz, tem mais pureza !

Da tua face a côr, não tem a rosa,
Sem vida aqui se mostra a natureza ;
De teu colo o jasmim, não tem a alvura,
Não tem, meu bem, rival tua belleza !

A' morte do Visconde d'Almeida Garrett.

Prostrados sobre a pedra do sepulchro,
Lá foram um a um os vates todos,
Eterno adeos dizer ao genio grande !
Saudosos lhe deram ais, e pranto,
Lagrimas, e por fim canto sentido:
Temeram com razão, que lá no olvidio,
Essa campa cahisse qual cahiu
A do eximio cantor, o gran Camões !
Quem podéra apóz uma ir desfolhar
Outra roza tambem n'outro jazigo !...
Mas, oh dor! onde é elle? aonde existe ?!!
Qual é esse epitafio onde se lê :
Aqui jaz um cantor, jaz um guerreiro!?

Será sim no teu tumulo, oh Garrett,
Que sempre viverá essa memoria,
D'um genio confundido com o teu!
Exaltaste Camões durante a vida,
Fazendo-o com a morte reviver!
Quando ao tumulo teu se for chorar,
E' forçoso colher duas saudades,
Duas c'roas tecer de verde louro;
A tua eil-a aqui; nos Céos a outra
Darás ao teu Héróe, ao gran Camões!

Junto a um Lago.

Era no cahir da tarde,
Já no fim do estio ardente,
Quando o terno rouxinol
Melodiava cadente:

Era quando as avesinhas,
O leito seu procuravam,
E buscando as companheiras.
D'um ramo a outro voavam.

Foi então, que junto a um Lago,
Horas suaves gostei;
Que doce melancolia,
Saudosa ahi 'sp'rimentei!

A' mercê da briza amena,
Dous barquinhos s'agitavam,
E mais adiante alvos cisnes
A' porfia se banhavam :

Um arvoredo frondozo,
No meio do Lago havia ;
Parecia ilha encantada
Onde uma fada vivia !

O formoso astro da noute
Surprehendeu-me ahi 'squecida !
Como lindo éra no Lago,
Ver a lua reflectida !

E ver os visinhos bosques
Em seu fundo projectados,
E as aguas já cobrindo
Um tapete prateado.

Oh ! jámais m'olvidarão
As horas, que ahi passei,
Nem tristeza nem prazer
Foi o que ahi 'sp'rimentei !

Era um doce enlevo d'alma,
Uma aprazivel saudade,
Um não sei quê, que se goza
Talvez só na eternidade !..

A' morte do filho de meu primo o illm.º snr. Manoel Joaquim Fernandes, Cavalheiro da Ordem de Christo.

Soneto.

Um anno apóz tres lustros só contava
Um mancebo gentil, mui talentoso,
E da indole melhor, tão virtuoso,
O tempo nos estudos só gastava:

Amante de Minerva, desejava
Um de seus filhos ser o mais famoso,
E caminho encetando tão honroso,
Progressos mil o joven ja mostrava!

Porem, ah! que invejosa a dura morte,
Da gloria no caminho o foi roubar,
Dando-lhe deshumana o fatal córte!..

Se não fora uma idea consolar,
Que goza lá nos Céos de melhor sorte,
Quem podera a saudade mitigar?..

Mote.

A gloria do Senhor nos astros brilha.

Soneto.

Embora atheo sacrilego, profano,
D'um Deos a existencia ouse negar;
Embora santas leis vá renegar,
Prégando seus sofismas todo ufano .

Reflecte, analisa, ah! vê, insano,
Da natureza est'ordem sem mudar!
Depois serás forçado a acreditar
Que é d'um Ser Creador divino arcano!

Acaso o sol raiar ainda não viste?
Dos Céos, do mar, da terra a maravilha,
Não te faz tudo crer, que um Deus existe?

Se tu'alma tenaz se não humilha,
Olha la para os Céos!—Ninguem reziste!..
A gloria do Senhor nos astros brilha!

Soneto.

Quiz ver se mais horror, se mais tristeza,
Fóra d'ésta minh'alma inda haveriam,
E quiz ver a impressão, que me fariam
As scenas de pavor da natureza:

Bramia o mar irado com fereza,
Abalava-se a terra, e só se viam
Horrores no Universo, que par'ciam
Tornarem n'um abismo a redondeza!!

D'uma collina ao alto então subindo,
Vi medonho volcão, que se accendia,
E junto a mim o raio ja cahindo,

Contemplava impassivel, não temia,
Porque, terror no peito mais sentindo,
Susto maior, horror não me faria!...

Soneto.

Basta, fado cruel, de perseguir-me,
Assaz minha constancia tens provado;
Porem, tudo no mundo é limitado,
Sinto d'alma a coragem já fugir-me!

Da vida a primavera consumir-me,
Viste o meu coração amargurado;
Flagellos mil cauzar-me despiedado,
E a existencia aquasi extinguir-me!

Faz cessar minha dor, o meu tormento,
E muda no porvir a minha sorte,
Dando-me de ventura inda algum tempo;

Mas se abusas do teu imperio forte,
E se altivo caprichas ser cruento,
Põe termo á minha vida, dá-me a morte!..

Ao avarento.

Soneto.

A'vante, ó usurario! ó avarento!
Tua carreira torpe, ufano segue;
Opprime os desgraçados, sim, prosegue,
Com tanto o cofre teu vá em augmento!

Fallava assim o espectro, e a passo lento,
Se vae aproximando, e já persegue,
O avaro, que medrozo bem percebe,
Que lhe resta da vida pouco tempo!

De tão medonha voz petreficado,
O misero ficou em tremor forte!
Affirma-se outra vez, e horrorisado,

Agarra-se ao thesouro, e téme o córte;
Mas vê do espectro o ferro alevantado,
Sem forças cae exhausto— soffre a morte!

Soneto.

Basta, cruel Anarda, eu já não posso
A vossa ingratidão mais supportar;
Mas crê que em odio eterno vae mudar
O amor, que fez murchar o engano vosso!

Com raiva, com vingança o mal adóço!
Perjura, eu te farei gemer. ralar;
Pensas, que o meu rival te ha de gozar?
Terrivel tu verás qual o fim nosso!

Escura, tenebroza a noute estava,
Ao escutal-o, Anarda impallidece,
Tremendo, o novo amante ella esperava:

Eis, que desponta lá, elle apparece,
Anarda, minha Anarda, elle a chamava;
Mas encontra um punhal, e já fenece!...

FEITO NO TEMPO EM QUE A PESTE GRASSAVA EM LISBOA.

Soneto.

Que macilento aspecto, saudoso,
A formosa Lisboa hoje apresenta!
Envolta em negro manto, ella lamenta
Os filhos, que lhe rouba o fado iroso:

Aqui, alem, um carro luctuoso
Redobra triste pranto, a magoa augmenta;
Da mãe, do orfãosinho a dôr violenta
Forma um quadro d'angustia lastimoso!

Em meio d'este horror, um moço ousado,
Pedro Quinto, o Monarcha mais querido,
Não temendo da peste o resultado,

O enfermo já anima esmorecido,
Manda seu cofre abrir ao desgraçado,
O Heroe só de si se ha esquecido!..

Porto 17 de Novembro de 1857.

A sombra de Camões.

Soneto.

Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Cesse mesmo o que outr'ora já cantei,
Que outro valor mais alto eu encontrei!
E a sombra, assim fallando, se levanta:

De Pedro Quinto a audacia ao vate espanta!
Diz: d'insignes varões quanto narrei,
Calle-se agora a fama, que eu direi,
Que um Monarcha magnanimo supplanta

Quanto d'esses heroes o mundo exalta:
Na idade juvenil valor tão forte,
Cumprir parece só missão mui alta

Esse, que ousado affronta o fado, a sorte,
Que através do perigo nunca falta,
Em quem poder não tem a dura morte!

A' morte de S. Magestade sarda Carlos Alberto.

Soneto.

Lá depois, que em Novara foi perdida
Por Carlos bellicoso a infausta acção,
Resolveu seu altivo coração
Deixar a patria outr'ora tão querida:

Pelo Rei infeliz foi escolhida,
Do Porto a bemfazeja habitação;
Entregue só a Deos, á R'ligião,
Despreso eterno então deitou á vida!

A saudade, o pezar o foi mirrando,
Sobreviver não quiz á desventura,
No fim de mezes poucos espirando,

Deixou cheia de pranto, e amargura
A Cidade, que o chóra recordando
Sua rara virtude, e moral pura.

Porto 28 de Julho de 1849.

Soneto.

Que! Carlos V, o Heroe, em um Mosteiro?!
Costumado a vencer, sempre a mandar,
Dos annos no verdor abdicar
Do throno o esplendor tão lisongeiro!

Um genio tão altivo, e tão guerreiro,
Era um novo Alexandre a batalhar,
E como elle feliz em conquistar,
Té capaz de vencer o mundo inteiro!

Quem o moveu a tal ir proceder?
Ah! Só a R'ligião tal poderia!...
Lembra-lhe, que é mortal, e que a morrer,

Jámais com seu poder s'exentaria!
Desperta já o Heroe, e quer viver
Entregue só a Deos, sem ufania!...

Ao mosteiro do Bussaco.

Soneto.

Respeitavel mansão! Aqui outr'ora,
Virtude sem egual se praticou,
De vezes já milhares aqui soou
O nome do Senhor, que nos Céos mora.

Quanto os homens encanta, o que os namora,
Aqui tudo esqueceu, se reprovou:
A mente no Senhor só se occupou,
Sem que nada lembrasse cá de fóra!

Elevado viver! De perfeição
Raro exemplo o Bussaco aos homens deu,
Entregues ao Eterno, em oração.

Um momento jámais se alli perdeu!
Um pensamento só; a salvação,
Era a sua ambição, o empenho seu!

UMA CREANÇA RECEM-NASCIDA, QUE APPARECEU NO RIO DOURO EM UM CESTINHO, E QUE SE JULGOU DEITADA AHI PELA MÃE, DEU MOTIVO AO SEGUINTE

Soneto.

Ente cruel, horror da natureza!
Peior que o tigre féro, ou que o leão,
Que os filhinhos animam com paixão,
Deixando seu rancor, toda a fereza.

Que mãe tão insensivel! que dureza!
Olvida todo o amor, toda a affeição,
Sem, que lhe solte um ai o coração,
N'um monstro se transforma de crueza!

Ah! que em vez d'estreitar junto ao seu peito
O filhinho, que acaba de nascer,
O Douro lhe destina para leito!!

Mas este, horrorisado, não quer ser
Cruel como essa mãe, e com respeito,
A' terra o restitue a fenecer!

IMPROVISADO AO JANTAR, NO DIA DOS ANNOS DE MEU ESPOSO.

Soneto.

A vida sempre cheia d'amargura,
Té da lyra me fez já olvidar;
Mas veio este almo dia recordar
As melodias suas com ternura.

Vem, ó Musa, inspirar-me com doçura,
Este dia me cumpre festejar;
Do Esposo meu os annos vou cantar,
Para longe de mim a sorte dura!

Banquetes, festas, danças ordenando,
Ao jubilo este dia consagremos,
E do nectar a taça já tomando,

Alegres saudando-o despejemos,
Um brinde, apoz já outro lhe offertando,
Dos fados o rigor hoje affrontemos!

A uma amiga.

Soneto.

Foge, formosa Armia, d'escutar
D'esse aligero infante as vãs lições ;
Lembre-te, que elle é Numen das traições,
Que peitos juvenis quer enganar :

A doce paz em mágoas quer mudar,
Accendendo o ciume aos corações ;
Apraz-lhe só cauzar tribulações,
E da vida o porvir envenenar !

Escutou-me sorrindo a bella Armia,
E depois exprimiu-se d'esta sórte :
« Bem sei, que amor destroe nossa alegria,

« E que ás vezes nos dá tormento fórte ;
« Mas póde indemnisar-nos n'um só dia
« Das angustias crueis, que dão a morte !..

Soneto.

Oh ! quanto é venturosa aquella virgem
Que ao Senhor se dedica em tenra idade,
Que só acha prazer, felicidade
Nas sacro-santas leis, na sua origem !

E sem esses vãos cuidados, que affligem,
Ella espera tranquilla a eternidade,
Já goza cá na terra a Divindade,
Inspirações do Céo, só a dirigem.

Quanto différe aquella, que pezado
O laço d'hymeneo foi apertar !..
Espinhoso caminho, amargurado.

Com mil tormentos tem de caminhar !
No Consorte, nos filhos o cuidado,
Raras vezes ventura vae buscar !..

Mote.

Vê, que um raio d'esperança alonga a vida.

Soneto.

Que resta ao desgraçado a quem a sórte
Para longe desvia a sua amada?..
Lamentos, uma vida amargurada,
Que a existencia encurta, e cauza a morte!

Mas quando a saudade, a dor mais forte,
Quasi, que ao infeliz já tem mirrada
A alma, que só anhela apaixonada,
Por que ás penas dê fim o extremo córte!

Então lá surge meiga, e tão fagueira
A esp'rança, que á vida amortecida,
Um novo alento dá, e lisongeira

Lhe faz ver a ventura mais querida,
E elle, que do sepulcro já na beira
Vê, que um raio d'esp'rança alonga vida!..

Mote.

A VIDA SEM AMOR E' SONHO, E' NADA.

Soneto.

Para no mundo ser lisongeado,
A' minha posição nada faltava;
Riquezas, honras, tit'los desfructava,
E de todos par'cia, que era amado:

Julgavam-me um mortal afortunado,
Que a apparencia assim os enganava...
No meu viver de pranto só buscava
Um bem, que em sonhos tinha imaginado...

Té que um dia vi Nize tão formosa,
Que minh'alma ficou enamorada;
Jurei-lhe eterno amor, e ella amorosa,

O prazer m'exprimiu de ser amada!
E agora digo á sorte venturósa:
A vida sem amor é sonho, é nada!..

Soneto.

Podes o sol em trevas ver mudado,
E a lua em claro sol inda tornar-se,
O mar pode n'um Etna formar-se,
E veres o Etna em lago transformado!

Podes inda na terra enamorado,
Um Anjo ver formoso apaixonar-se,
E os homens lá do Céo aproximar-se,
Até os Astros terem já tocado!

Pode tudo no mundo inda mudar;
Mas eu não mudo, ó Nize! nem se cansa
Um amante fiel em te adorar!

Possam as minhas juras dar bonança
A' tua alma, que deve se lembrar,
Que não cabe em meu peito a vil mudança!

A uma amiga.

Soneto.

Do socego o Deos Cupido invejoso,
Que Anarda ha tanto tempo desfructava,
E ao ver, que do seu culto ella zombava,
Olhando o imperio seu como p'rigoso;

Não soffre ser vencido, e mui raivoso,
Astutas travessuras ideava,
Aljava, fléchas, arco preparava,
E vingar-se protesta furioso!

Um joven mui gentil faz que ella aviste,
Que vendo-se uma vez jámais s'esquece,
E a quem o coração nunca resiste!..

Ama Anarda, suspira, oh! estremece;
Quer fugir; mas é tarde, ella desiste,
E já á lei d'amor cega obedece!..

Soneto.

Lilia, da minha vida és mago encanto,
Jámais longe de ti senti ventura ;
Refulge dos teus olhos luz tão pura,
Que da noute affastára o negro manto :

Nos rosto lindo, Venus brilho tanto,
Não mostra como tu nem mais candura ;
Mas é menos cruel, não é tão dura,
Origem como tu, não dá ao pranto !

Não me seduzem fausto, nem riqueza,
Possuir tua fé eu só desejo ;
E' tudo para mim tua belleza.

Outro prazer na terra eu não invejo,
Nem sonha o coração outra grandeza,
Que fruir teu amor, e dar-te um beijo !..

Soneto.

Apraz-te, alma cruel, e fementida,
Só flagellos causares, pranto, e dores;
Zomba d'um infeliz, que os teus rigores,
Vão encurtando bem a triste vida!

Quizera como tu fosse esquecida
Est'alma, que não pôde inda os ardores
De todo estinguir d'esses amores,
D'outr'ora, quando me éras tão querida!..

Ingrata! Esta paixão, que me devora,
Estingui-la não posso, será eterna!..
Ai de mim! Inda te ámo! A toda a hora

Suspira só por ti minh'alma terna!
Lilia! na minha campa um dia chora,
E diz lá, que me amas! di-lo...agora!

Soneto.

E' aqui, desgraçado, que eu devia
N'habitação dos mortos encontrar-te ? !
E-me forçoso ver-te, inda abraçar-te,
Unir-te ao coração, ó doce Armia !

Ah ! Como estás mudada ! Está tão fria !
A mão, que inda uma vez vou oscular-te !
Só parece, que o seio palpitar-te,
Inda vejo d'amor como outro dia !..

Sim ; ficarei comtigo ! Ser constante
Jurei-te, bella Armia, além da morte :
P'ra mim tudo acabou !.. nada importante

Off'recer já me pode a minha sorte !
Vae este ferro á vida, ó cara amante !
Ao lado teu já dar-me o extremo corte !..

A minha mãe, no dia de seus annos.

Como bella a natureza
Aos olhos meus se mostrou,
Até hoje mais formosa
A linda Aurora raiou!

Não deixes passar, ó Musa!
Silencioso este dia,
Que por mim sempre será
Cantado com alegria.

D'aquella de quem sorvi
Bello licor maternal,
Me cumpre hoje jubilosa
Festejar o seu natal.

Se nos tenros annos perde
Uma filha a cara mãe,
Incauta, inexperiente,
Um abismo encontrar vae!

E' como fragil batel,
No meio d'immenso mar,
Que a não ser déstro piloto,
Vae nos escólhos quebrar.

O Universo á jóvensinha,
Venturas só lhe apresenta;
Seducções, encantos mil
A imaginação lhe inventa:

Formosa estrada de rosas,
Ella no mundo só vê;
Mas os espinhos occultos,
Innocente não prevê!..

Esse tempo de venturas,
Muda-se em tormento, e dores,
Quando no verdor dos annos
Faltam da vida os autores!..

Sonhei.

Sonhei, que eras uma estrella,
Que entre os astros fulgurava,
E que em noute tenebroza
Tua luz só me guiava.

Sonhei-te entre Cherubins,
Lá na esféra luminosa;
Mas tu éras a mais bella,
Mais gentil, e graciosa.

Sonhei uma vóz tão meiga,
Tão suave, e maviosa;
Foi a tua, que entre os Anjos
Era a mais harmoniosa.

Sonhei, que uma vez te vi
Com um facho luminoso,
O veo da noute afastando,
Trazendo um dia formoso.

Sonhei, que a luz de teus olhos,
Mais que a do sol refulgia,
E que o sol, envergonhado,
O seu lugar te cedia!

Sonhei, que Páris, ao ver-te,
Seu engano lamentou;
Pois mais formoso que Venus
Teu lindo rosto elle achou!

A' morte de sua magestade sarda Carlos Alberto.

Ai de mim! já dos finados
O lugubre som ecchoa;
Já o estranhoso canhão
De quarto em quarto resoa!

Tudo jaz silencioso,
E' o silencio da morte;
Tristes ais, sentido pranto
Annunciam fatal córte!

Annunciam, ai de nós!
D'um Monarcha o passamento,
Que exilado nos mostrou
De rara virtude o augmento!

Exultou co'a escolha sua,
Penhorada esta cidade,
Que logo lhe consagrou
Sincera, pura amisade.

Quizeramos longos annos,
Entre nós se demorasse,
E que tranquilla existencia
No paiz nosso gozasse.

Qual de nós o sentimento,
Quando o mal seu começou,
E quando de dia em dia,
Ainda mais se augmentou!

Votos então fervorosos
Todos nós ao Céo fizemos
E nas mãos do Ser Eterno
O destino seu puzemos.

Porém, a Deos não approuve,
Que entre nós vivesse mais!
« Vôa ao Céo (elle lhe diz)
« Melhor mundo gozar vais! »

28 de Julho, 1849.

A pedido d'uma senhora.

Epitaphio.

Perdi-te, alma ditosa, caro esposo,
A alegria perdi, toda a ventura;
Resta-me dor, e pranto, e o fucturo
Só tormentos m'off'rece, e desventura!

Se com mágoas a vida supportei,
Foi que ás vezes minh'alma inda illudi,
No filhinho beijando o teu retrato;
Mas esse mesmo, ai triste! já perdi!..

Lugubre campa encerras filho, e esposo,
Quanto a vida agradavel me tornou;
Isolada na terra só direi:
P'ra mim, glórias, prazer, tudo acabou!.....

Alceo a Armia.

Longe de ti um só dia,
Soffro amarga saudade;
Que fará se nos separa
Uma vez a eternidade!,.

S'eu morrer. na minha campa
Vai, Armia, suspirar;
Vai dizer, que inda me ámas,
Que nunca me has-de olvidar;

Que jámais um outro amor
O teu peito acolherá,
Que de saudades, e pranto
Teu coração viverá.

Envolta em veo luctuoso,
A's galas despreso lança;
Busca só a triste campa
Onde o teu Alceo descança.

Ao dizeres, que inda me amas,
Meu corpo se animará,
E d'amor a chamma ardente
O meu peito abrazará!

A tua angelica voz,
No meu tumulo ecchoerá,
E lá d'esse somno eterno
Suave me acordará!

Jura, Armia, de ser minha
Mesmo além da eternidade!..
Sem teu amor não terei,
Nem no Céo felicidade!

A Ulina.

Não teve origem na terra
Este amor tão puro, e fórte,
Tambem nunca terá fim,
Durará além da morte!

Não senti amor no peito
Em quanto a não encontrei;
Fixando o espaço immenso,
Uma estrella só amei...

Era a estrella dos amores,
Era a que ella contemplava;
Sem que a Ulina eu jámais visse,
Ao meu astro a demandava.

Com alvas roupas vestida,
A fantasia a ideava,
E rasgando o azul dos Céos,
Uma fada a imaginava!

Seus olhos eram dous Sóes,
Que na terra allumiavam,
E seus mais pequenos raios
O meu coração queimavam!

Té que um dia afortunado,
A estrella a mim a guiou,
E logo cheia d'amor
Esta minh'alma ficou!..

Achei-a tão meiga, e bella,
A's mortaes tão sup'rior,
Que só dadiva dos Céos
Podia ter tal primor!

Oh! Não éra mais formosa
Aquella, quem em sonhos vi;
Ulina tem mais encantos,
Quando contente sorri!

Mote.

No livro dos desditosos
Vi o meu nome gravado.

Quando esp'ranças lisongeiras
Vinham minh'alma alegrar,
E quando ousava esperar
Essas venturas fagueiras,
Eis, que vozes agoureiras,
As dos fados imp'riosos,
Assim me fallam irosos: —
« Tua sorte 'stá predicta,
« Tens a tua vida escripta
« No livro dos desditosos!

Ai de mim! que não quiz crer
Na minha pouca ventura,
E já sentença tão dura
Fiz então por esquecer;
Mas ah! cuidei de morrer,
Pois lançando a vista a um lado,
Vi um livro intitulado
« O livro dos desgraçados! »
E n'elle os olhos fitados,
Vi o meu nome gravado!...

Na vinda de sua magestade a snr.ª D. Maria II a' cidade do Porto, em 29 d'abril de 1852.

Vinde, augusta soberana,
A tão heroica cidade,
Sim, vinde, de vós dimana
A nossa felicidade:
Oh! tal honra já tardava,
E o coração murmurava;
Oh! ter-se-ha olvidado
Destes sitios decantados,
Onde foram conquistados
A C'roa sua, e reinado?

Onde um Heroe denodado,
Intrépido combateu,
E que tanto nos ha amado!
Pois aqui tanto soffreu.
Lá outr'ora sitiada,
Opprimida, bombeada
Esta briosa cidade,
Que mer'ceu o coração,
Que o bom Rei, por affeição,
Lhe offertou com amisade.

Lá do grande Pedro a Filha,
Oh! nunca nos olvidou,
Em sua alma inda brilha
A virtude, que exaltou,
Alta Maria primeira;
Esta de tudo é herdeira,
Justiça philantropia,
De novo n'ella apparece,
Oxalá, que sempre houvesse,
Ditosa paz, harmonia.

Qual a Aurora, pura, e linda,
Vem as trevas affastar,
Fez assim a vossa vinda
As dissensões terminar:
As ideas se unirão,
Vossos subditos dirão:
Oh! todos nos dediquemos
A servir só a Sob'rana,
Ditosos então seremos,
Que do throno o bem dimana.

E' dever do cidadão,
Ser fiel sempre ao seu Rei,
Desprezar a sedição,
E seguir a sua lei:
Pelo Céo o throno é dado,

Pelo Céo abençoado,
E só quando a Deus apraz
E' que os Sob'ranos fulmina;
E' quem taes mudanças faz,
E as dynastias termina.

Bem vinda ao Porto sejaes,
Das Sob'ranas a mais digna,
Caridosa, tão benigna,
Oh! quanto nos penhoraes!
Vossos subditos amáes,
Qual uma mãe carinhosa,
Indulgente, piedosa,
Prompta sempre a perdoar,
Ninguem quer sacrificar,
Jámais s'encontrou irosa.

No regresso de sua magestade fidelissima a Senhora D. Maria II para Lisboa.

Como passaram ligeiros
Da ventura os poucos dias,
Em que na terra gozamos,
Do Impyrêo as regalias!

Delicias do Paraizo,
Quem no mundo fez gozar?
Quem sentimentos tão puros
Aqui nos veio inspirar?

Quem poderia ganhar,
Tantos, tantos corações,
Sympathias, tanto amor
E todas as affeições?

A não ser a Divindade,
Quem tal podia fazer?
Quem teria tal prestigio,
Para tanto surpreender?

Oh! sabem quem? um portento!
A Rainha mais ditosa,
Que tudo póde alcançar,
Por ser justa, e virtuosa!

Aquella, que engrandeceu,
O Céo, sem nada esquecer;
Virtudes, um throno excelso,
Tudo lhe quiz conceder!

Té da natureza os dons,
Oh! não lhe foram negados,
A par de rara virtude,
Quanto são apreciados!

Intelligencia tão fina,
A mais linda eloquencia;
Para reger o seu povo,
Não lhe falta aurea sciencia.

Monotona esta cidade,
D'hoje ávante ficará,
A ausencia de Reaes Hospedes,
Seu encanto roubará.

Quanto em si nossa alma sente,
Não é vulgar affeição ;
E' um amor puro, e forte,
Que domina o coração!

Não pensem, que nos atráhe,
Lá do throno o resplendor ,
E' o poder da virtude,
Que venceu o nosso amor.

Para que nada faltasse
A' nossa felicidade,
O Céo lhe deu um consorte,
Virtuoso, e com bondade :

Obsequioso, affavel,
A todos tem penhorado,
E mui sincera affeição
A todos tem inspirado.

Oh! que Soberana completa,
O Céo nos quiz outorgar!
E perante o mundo inteiro
Podemo-nos ufanar!

Rainha! quanto aprazivel
Viver sempre ao lado vosso!
Ah! seria tal ventura,
Que decifral-a não posso!...

Mas é forçoso, que seja
Só Lisboa a mais ditosa;
Resigna-te, Porto invicto,
Dá-te á mágoa pesarosa.

Recebei, regia familia,
Terno adeos de despedida,
E não vos olvide o amor,
Com que aqui foste acolhida.

Da capital os encantos,
Não vos façam olvidar
Os subditos portuenses,
Que ficam a suspirar!

Ai, partí! pois é forçoso!
O Céo sempre vos escude;
Vosso socego, e ventura,
Oxalá, que nunca mude.

E se a vibora invejosa
Da discordia lançar mão,
Lá o Céo lhe abra um abysmo.
Sepulte-se n'um volcão!...

A uma senhora a quem morreu uma filha querida.

Não sabe o que é padecer
Quem o filhinho, que adora,
Não viu ainda morrer.
GARRET.

Que me resta cá na terra?...
A minha filha morreu!
Para mim o mundo inteiro
Seus encantos já perdeu!

Era pura como os Anjos,
Fresca, e bella como a rosa,
E das fórmas á belleza
Juntava uma alma bondosa.

Ah! inda julgo illusão
A minha filha morrer!...
Em toda a parte m'a faz
A fantasia appar'cer!

Quando ao Céo ergo meus olhos,
Vejo-a lá entre as estrellas;
Mas tão linda e magestosa,
Té offusca o brilho d'ellas!

Vi-a em sonhos appar'cer-me,
Qual celeste Cherubim:
Como o sol resplandecendo,
E sorrir-se para mim.

Estendi para ella os braços,
Quiz unil-a ao coração;
Mas desperto em sobresalto,
Desappar'ceu a visão!...

Que me resta?.. pranto, e dôr!
Uma infinita saudade,
Que 'spero não tenha fim,
Se não lá na eternidade!..

A Nize.

Impéras por tal arte na minh'alma,
Que as offensas d'amor são olvidadas,
E se em ira o ciume faz arder-me,
Com um sorriso teu 'stão perdoadas!

Já sabes no meu peito quanto pódes,
Já sabes, que fazer tu pódes tudo...
Desdens, ingratidão, se tanto intentas,
Por ti sempre captivo, nunca mudo!

Ah! tem de mim piedade; olha o que
eu soffro!
Da minha paixão cega, não abuses;
Sê grata ao meu amor, e teus rigores,
Commigo, ó Nize bella! mais não uses.

Da tua fé depende a minha vida,
Pódes, meu bem, dictar a minha sorte;
S'esfriar teu amor, se m'esqueceres,
Dás-me penas crueis, depois... a morte!

Mote.

Logo que eu nasci no mundo,
Nascemos quatro n'um dia,
Nasci eu, nasceu desgraça
Tristeza, melancolia.

Ah! Marilia! o teu rigor
Pelo fado é inspirado,
Que sempre tem conspirado
Contra mim com bem rancor:
Cada vez com mais furor.
Lá sáe d'esse averno fundo
Algum mau genio immundo,
Que sem me perder de vista,
Me assentou na sua lista,
Logo que eu nasci no mundo!

Deste modo não estranho
Minha nova desventura;
Vivo triste, em amargura,
Meu soffrimento é tamanho,
Que de pranto o rosto banho,

E prazer, doce alegria
De mim ha muito desvia
A minha sorte perversa,
E a outros ella é adversa,
Nascemos quatro n'um dia!

Um mau astro presidiu,
De certo ao meu nascimento,
Que sempre o negro tormento,
Desde o berço me seguiu!...
Té que a esp'rança me fugiu,
Sem ventura o tempo passa,
Qualquer mudança que faça
Só p'ra meu damno será!
Pois sempre me lembrará,
Nasci eu, nasceu desgraça!..

Já em nada prezo a vida,
Que não cessa o teu rigor,
Esqueceste o meu amor;
Porém ainda me és querida,
Sendo mesmo fementida!
Roubaste minha alegria,
E jámais espero um dia
Essas venturas fagueiras,
Pois são minhas companheiras,
Tristeza, melancolia!..

A Nize.

Penso em ti, mal que desperto,
Penso até ir repousar;
Penso em ti, mesmo dormindo,
Comtigo sempre a sonhar.

Ausente de ti, meu bem,
Como é penoso viver!
A dôr, que eu sinto nest'alma
E' dificil descrever!

Raia o dia, e sem ventura
Vejo a noute aproximar,
Sem que o remedio eu encontre
Para a saudade abrandar.

Aborreço a companhia,
Só me agrada a solidão,
Melancolicas imagens
Busca só meu coração;

Que possa inspirar-me int'resse,
Nada off'rece a natureza;
Nem ha encantos que seduzam
A quem viu tua belleza!

Este amor tão puro, e forte,
Que por ti senti, ó Nize!
Será pois correspondido?
Amas-me tu inda? — dize?..

E quem sabe?... O tempo, a ausencia,
Do teu amor, que fariam!...
Ah! dize, dize-me breve
Se teu peito mudariam?..

Sim, dize, quero sabel-o,
Saber qual é minha sorte;
Se me ámas, quero a vida,
Se m'esquecestes... a morte!..

No dia dos annos do illm.° sr. Antonio Jose' de Faria.

Do Illustrissimo Faria
Os annos cantar desejo,
D'Orfeo a lyra sonora
Eu só n'este dia invejo!

Corre, vem, Musa, supprir
Das regras, e d'arte a falta;
Inspira-me ideas grandes
P'ra esta empreza a mais alta!

Mas que vejo! Lá dos Céos,
Vem uma nuvem descendo,
Que uma celeste figura,
Para a terra vem trazendo!

Era Minerva, que assim
Por est'arte me fallou :
(Quando ao ver os versos meus,
Ella sorriu, e zombou).

« Que intentas, fraca mortal,
« Que temeraria ousadia !
« Pensas tu, que cabe a humanos
« Essa empreza n'este dia ?

« Já Apollo a penna d'ouro
« Cuidadoso preparou,
« E quanto dictado havia,
« Em um momento riscou :

« Nada, isto não 'stá bom,
« (Exclamou o Deos zangado) ;
« D'este mortal as virtudes,
« Excedem quanto hei dictado !

Isto disse, e apóz instantes,
Entre as nuvens s'escondeu,
Depois que a empreza minha
Mui severa reprehendeu !,

As minhas singelas trovas
Ao fogo logo lancei,
E cantar altas virtudes
Só para os Deuses deixei.

A uma amiga, que casou contra a vontade da familia.

Vai d'amor o deus voando,
Alegre nova vai dar,
De Marilia o hymineu
Lá no Olimpo foi contar:

Já de Jupiter aos pés
A dextra lhe vai beijar;
Era tempo, ella lhe diz,
De Marilia premiar.

Longo tempo ella soffreu
Dos fados atroz rigor,
Que desfructe hoje ditosa,
O grato premio d'amor.

Não captivaram seu peito
O fausto, nem vãs grandezas,
Ella prefere a virtude
A's illusorias riquezas.

Embora amigos, parentes,
Censurem sua união;
Que importa? se ella é ditosa,
Se folga seu coração?

Só na virtude consiste
A verdadeira nobreza;
Os homens todos iguaes
Fez a sabia natureza.

Deste par os doces laços,
Grande Jupiter, bem diz;
Lança-lhe a benção divina,
Torna-o alegre, feliz.

Ouviu Jove mui gostoso,
De Cupido a narração,
Ordenando lá no Olimpo,
Festejos, grande funcção!

Já Orfeu tempéra a lyra,
Ternas canções entoando,
As virtudes de Marilia
Os deuses todos cantando!

Quadras.

Suspiro por olhos verdes,
Que m'inspiram doce esp'rança;
Mas ah! são tão pretendidos,
Que fazem desconfiança...

Amo tambem os azuis,
Que fazem o Ceo lembrar,
E do Paraizo a gloria
Até fazem olvidar!

Amo os negros, côr da noute,
Tão negros como um Guiné;
Porém são tão requestados,
Que n'elles não tenho fé!...

Amo uns castanhos, tão lindos,
Tão vivos, intelligentes,
Que não posso um só instante,
Tel-os para longe ausentes.

A uma Avezinha.

Quanto invejo, avesinha, a tua sorte !...
Ser livre como tu tambem quizera !...
Volver aqui, além, ah ! s'eu podera,
Fôra a minha vontade só meu norte !

Sem a noute passar amargurada,
Despertar quando a ti, mal luz a aurora ;
Ouvir teus doces cantos onde Flora
Tem risonhos imperios, e morada.

Ah ! tambem como tu, á natureza
Pertenço, e tenho d'reito á liberdade,
Quem ousa pois deter-me com fereza ?
Quem? Ah ! sim... é ella, a infelicidade !..

O Sultão Enamorado,

TRAGEDIA EM TRES SCENAS,

Para ser representada no theatro da minha imaginação.

PERSONAGENS.

O Sultão Aladdin.
Zalinda, a Captiva Hespanhola.
Schahriar, primeiro Visir.
Zaira, amiga de Zalinda, e amante de Schahriar.
Visires.
Um medico.
Um valido do Sultão, que chega d'Hespanha.
Ministros.
Povo.

Scena I.ª

Gabinete de Zalinda adornado com luxo á Oriental.

ZALINDA SÓ, E SENTADA EM UM SOFA', DIZ SUSPIRANDO:

Que m'importam as grandezas,
Que rodeam este harém,
Para que quer diamantes,
Quem liberdade não tem?..

Quem da Patria vive longe,
Sem um parente, um amigo,
Entre crença, e lei diversas,
Só d'estranhos ao abrigo!..

Quem na terra onde nasceu
Deixou alma, e coração,
Quem preza deixou a vida
Ao seu gentil infanção!..

Que m'importam as grandezas,
Que rodeam este harem,
Para que quer diamantes,
Quem liberdade não tem?..

Ah! aqui, nada recorda
A minha patria querida;
Este Céo não é tão bello,
Aqui não ha tanta vida!

E' menos suave a briza,
As aves tem outra côr,
As flores não são tão lindas,
Aqui não ha tanto amor!..

Do Sultão vaidoso, altivo,
Que m'importam os favores?
Cada vez mais o detesto,
Aborreço os seus amores.

Zalinda ouve os passos do Sultão, e enxugando o pranto diz :

Eis, que elle chega ! ai de mim !

Zalinda levanta-se, e recebe o Sultão com respeito, e frieza, abaixando os olhos. O Sultão Aladdin aproxima-se d'ella, e com semblante risonho, e meigo, diz-lhe:

Quando, ó meu sol, minha vida,
Hade o teu pranto findar ?!
Não verei inda uma vez
Um teu riso, um meigo olhar ?

E's a mais formosa flor
Que fulgura em meus harens,
E's só tu, cara Zalinda,
Que a posse d'esta alma tens !

Bellezas mil, á porfia,
Cuidam só em me agradar;
Mas nenhuma como tu
Pôde meu peito abrazar!

Como escravo os teus desprezos,
Zalinda, tenho soffrido,
Sem que jámais do poder
Abuzar tenha querido.

Cuidei, que podia o tempo
Abrandar o teu rigor;
Mas em vão tenho esperado
O mais pequeno favor.

E' tempo, linda donzella,
De findar o teu rigor;
Ah! que não posso viver,
Zalinda, sem teu amor!..

Zalinda.

Ah! senhor, tende piedade
Da minha sorte infeliz,
Que vos désse o coração,
A minha estrella não quiz.

Na patria, que sempre choro,
Affeição, alma deixei,
E fé pura, amor eterno,
A Dom Ramiro jurei:

Já para o nosso hymineu
Tudo estava preparado,
Quando o nobre cavalleiro
Para a guerra foi chamado:

Partiu, e com elle tudo!..
Alegria, amor, ventura;
Ficaram só na minh'alma
As saudades, e a amargura!

De guerra o grito fatal
De toda a parte soou,
E o Conde, meu velho Pae,
Tudo por mim receou.

Do paiz seu em defeza,
O joven filho mandou,
Dando-lhe um adeus saudoso,
Commigo a patria deixou !

Que tormento ! que saudade
O meu coração sentia !
Cada vez mais s'augmentava,
Quando Hespanha eu já não via !..

Com ventura o baixel nosso,
Algum tempo caminhou ;
Mas um dia o mar irado,
De repente se agitou :

Um tufão de rijo vento
As velas logo quebrou,
E em breve á mercê das vagas
Longo tempo navegou.

E'ra horrivel a tormenta,
D'instante a instante augmentou,
E por fim um raio ardente
O fragil lenho queimou !

Aqui, além, entre as vagas,
Todos co'a morte luctavam,
Quando os turcos um navio
Para nós aproximavam.

Dos mouros, um corajoso,
Por me salvar s'empenhou,
Porque do meu preço o ouro
A' su'alma vil lembrou!

Partilhar antes quizera
De meu pae a infausta sorte;
Hoje captiva não fôra,
Era mais suave a morte!..

Podeis dar-me assaz tormentos,
Tudo firme arrostarei;
Mas a posse da minh'alma,
Oh! nunca, nunca espereis!

Sultão.

Zalinda! mais não prosigas,
Tem d'um triste compaixão!..
Se soubesses como te amo...
Quanto soffre o coração!...

Mil vezes tentei 'squecer-te,
Para dar-te a liberdade :
Mas um só dia sem ver-te,
E'ra um sec'lo, a eternidade !..

A tua imagem querida
Seguia-me a toda a parte ;
Não posso sem ti viver,
Em vão tentei olvidar-te !

Quiz fazer-te venturosa,
Conduzir-te ao teu amante ;
Mas senti, que não podia,
Que morria n'esse instante !..

Possa, Zalinda, a piedade
Entrar no teu coração,
E mitigar os tormentos
Da minha ardente paixão !

Por um só gesto d'amor,
Para ver um teu sorriso,
Dera tudo... o meu imperio !..
Trocara até o paraizo !

*

Renegára o meu propheta,
Crença, lei, e Alcorão ;
Deixara tudo por ti,
Dando-me o teu coração !..

Dize uma vez, que me amas,
Uma só, por piedade ;
Dá-me a ventura celeste,
A vida, a felicidade !

Foste o meu primeiro amor,
Minha primeira affeição ;
Tu és alma da minh'alma,
Vida do meu coração !

Deixa a tua fronte bella
Um diadema adornar,
E sobre um throno aurifero,
Ao lado meu te assentar.

Este amor, que m'inspiraste,
E' immenso, puro, e fórte,
Não cabe dentro no peito,
E terá fim só co'a morte !..

Zalinda.

Ah! Senhor, uma alma pura,
Uma só vez póde amar;
Dou-vos affeição d'irmã,
Nada mais vos posso dar!

Sultão.

E pensas, que ao meu amor,
Basta só essa affeição?
Quando extinguir já não posso
O fogo desta paixão?

Zalinda.

Como vós tambem eu sinto
Abrazar-se o coração,
Tambem ámo com extremo
O meu gentil infanção!..

Só por elle sinto amor,
A mais ardente paixão!
E vós, ah! nunca espereis
Ganhar o meu coração!

Sultão.

Zalinda! cruel Zalinda!
Déste a sentença fatal!..
Vae pôr termo á minha vida,
N'um momento este punhal!..

Tira o Sultão com rapidez o punhal e o crava no peito. Zalinda, gritando espavorida, corre ao principe, que está cahido sem acordo, e lhe tira do peito o punhal tinto de sangue; acóde muita gente movida pelos seus brados, e vendo-a ainda com o punhal na mão, accusão-na de ter assassinado o Sultão. Zaira, amiga de Zalinda, que acudiu tambem, e que julga Zalinda incapaz de semelhante crime, aproxima-se d'ella, e Zalinda, vendo, que é accusada, cae desmaiada nos braços de Zaira.

Dous coros d'homens, e mulheres, vestidos á oriental, cantam acompanhados pela orquestra os versos seguintes:

Morra a infame regicida,
Na prizão seja encerrada,
Que soffra morte affrontosa,
Depois de ser torturada.

FIM DA 1.ª SCENA.

Zalinda na prisão.

SCENA 2.ª

Zalinda só.

Ah! quanto sou desditósa!
Meu tormento acaba, ó sorte!
Da vida tira-me o pezo,
E dá-me allivio na morte!..

Zaira entra, e aproxima-se de Zalinda.

Zalinda.

Doce amiga, ó minha Zaira,
Que vens tu aqui fazer?!

Zaira.

Dar-te novas d'alegria,
Dizer-te, que has de viver.

Zalinda.

Viver... que m' importa a vida!..
Vida de pranto, e saudade!
Para mim tudo acabou,
'Spero só na eternidade!..

Zaira.

Longo tempo, sem acordo,
'Steve o mouro desgraçado;
Mas voltou de novo á vida,
Que o par'cia ter deixado:

Mal ferido estava o triste,
Febre ardente o devorava,
E de momento a momento,
Par'cia que se finava!

Delirante, por Zalinda
Só chamava a cada instante;
Onde está? dizia o triste,
Quero ver a minha amante!

Zalinda.

Os seus dias queira o Céo
Longo tempo prolongar:
Cheios de gosto e ventura,
Sem um só leve pezar.

Zaira prosegue:

Com extremo sou amada,
Pelo Visir Schahriar,
E do principe os amores
Em breve lhe vou narrar.

Tu' alma pura, innocente,
Eu lhe farei conhecer:
E perante o mundo inteiro
Elle te irá defender.

Zalinda.

Mas se perêce o Sultão,
Sem a razão recuperar?

Zaira.

E' quem junto ao solio manda
O pod'roso Schahriar.

Nas mãos suas o poder
O Sultão depositou,
E na conquista d'amor
Só o Principe cuidou.

Zalinda.

Não procures defender-me,
Anciósa espero a morte!
Se viver, só novas penas
Me dará o fado, a sorte!

Zaira.

Zalinda, tua innocencia
Vae em breve ser provada;
Adeos; (ahi vem os ministros)
Em mim fica esperançada.

Retira-se Zaira, e entram os Ministros; sentam-se e interrogam a Christã.

Ministro.

Dize a idade, a patria e nome?

Zalinda.

Quatro lustros tenho apenas,
E' o meu nome Zalinda;
Sou christã desventurada,
Nasci lá na Hesperia linda.

Ministro.

Como conceber pudeste
Um crime tão horroroso,
Tentando assassinar
O sultão, joven, bondoso?!

Na dextra o ferro homicida,
Envolto tinhas em sangue,
E junto a ti, sem acordo,
Jazia o Principe exangue!

Vae esse teu crime enorme
Punido ser com rigor:
Para ti não ha piedade,
Tu só inspiras horror!

Zalinda.

A morte, dos infelizes
E' o allivio, a ventura;
N'ella só 'spero que findem
Meus pezares, e amargura:

Deus só pode defender-me,
Minha innocencia mostrar,
Se um momento inda o Sultão,
A razão recuperar.

Mais nada em defeza minha
Tenho, Senhor, a allegar,
E para a morte ou martyrio
Me veréis resignar!

Apparece um personagem mandado pelo Visir Schahriar, e diz aos ministros o seguinte:

Da christã o julgamento,
Manda o Visir Schahriar,
Que é forçoso suspender,
O tempo, que elle ordenar.

O povo, ouvindo o que se dizia, mostra-se indignado, e em coro, acompanhados pela orchestra, cantam os versos seguintes:

CORO.

Morra a traidora christã,
Que ao Sultão quiz dar a morte!
Soffra em breve, sem piedade,
Das leis o castigo forte!

Retiram-se todos, e entra Zaira, e logo apóz ella Schahriar.

Schahriar.

Cumpridos teus dezejos são, ó Zaira,
Só escuta minha alma a voz d'amor;
Embora contra mim o povo irado,
Se conspire irritado, com furor!

Deveres, lei, razão, ah! que sois vós,
Quando no coração amor impéra?!
Se injustiças de mim té exigiras,
Talvez para agradar-te, eu as fizera!..

Zaira.

Nem era d'esperar, que á vossa Zaira,
Deixasseis de cumprir um só favor;
Mas quem pela virtude intercedeu,
Jámais quiz abusar do vosso amor.

Ouvem ao longe o povo em desordem, que repete em côro os versos antecedentes.

CORO.

Morra a traidora christã,
Que ao Sultão quiz dar a morte,
Soffra em breve, sem piedade,
Das leis o castigo forte!

Schahriar.

E' forçoso ordens severas
A esse povo ir dar,
E dize á bella captiva,
Que pode em mim confiar.

Adeos, Zaira, meus amores,
Dona do meu coração;
Não olvides quem só pensa
Em te ganhar a affeição.

FIM DA 2.ª SCENA.

Scena 3.ª

Apparece o Sultão recostado em um rico sofá, e em delirio diz o seguinte :

Oh ! nunca mais a verei !
Foi um sonho o meu amor,
Um sonho, que ao despertar,
Acabou em pranto, e dôr !..

Foi um Anjo, que passou,
Sobre o mundo de tormento ;
Eu a vi ao Céo voar,
Desapar'cer n'um momento !

Já não érra sobre a terra ?
Não, que nos Céos a diviso ;
Mais formosa, que as estrellas,
Quanto é meigo o seu sorriso !

Como os Anjos a saudam !
Como ufanos 'stão com ella!
Tão lindos elles não são,
E' mais gentil a donzella!

Despontava o meu Sol, só refulgia,
Quando ledo a podia contemplar:
Fazia-me na terra desfructar
As delicias do Céo pura alegria!

Cala-se o Sultão, e se dirige a elle um medico, que depois de o analysar, diz para os Visires, que estão um pouco affastados:

Medico.

A febre diminuiu,
O delirio terminou.
E nos braços de Morpheu,
Um momento s'entregou.

Desperta o Sultão, e passando a mão pela fronte, diz suspirando:

Onde está d'Hespanha a flor?
Quero ver a minha amante!
De ventura inda dezejo,
Fruir um ligeiro instante.

Vizir.

Senhor, a infeliz captiva,
Na prizão foi encerrada,
Para de seu crime enorme
Com rigor ser justiçada!

O Principe, horrorisado, diz:

Imprudentes! que fizestes?!
Sim; tudo já comprehendi!..
De Zalinda a desventura,
Indiscreto, não previ!

Da christã enamorado,
Jámais a pude vencer,
E d'amor louco por ella,
Resolvi então morrer!

Zalinda, ah! quero vel-a,
Vão já dar-lhe a liberdade;
Ai, da triste que seria,
Se eu fôra na eternidade?...

Zalinda chega da prizão, acompanhada por Zaira, e vem vestida de preto, muito pallida, e abatida; aproxima-se do Sultão, e o fixa compassiva, e elle contemplando-a em silencio, e deixa cahir a cabeça desmaiando. Zalinda ajoelha a seu lado, e levanta os olhos, e mãos para o Céo.

Entra neste tempo Schahriar, que se aproxima de Zaira, que estava um pouco affastada, e ella lhe narra o que tinha passado, da maneira seguinte:

Zaira.

Já do Gran-Senhor as ordens
Deram pressa a executar,
E a christã innocentinha
Foram logo libertar:

Do principe o rosto exangue,
Ao vel-a já se animou;
E teve abalo tão forte,
Que seu mal inda augmentou!

Outra vez a desmaiar
O mancebo começou,
Foi então quando Zalinda,
Sua belleza notou!

Foi aquella a vez primeira
Que a donzella o contemplou,
E que int'resse, e compaixão,
A' su'alma elle inspirou!

Schahriar.

Quem sabe?.. O Sultão talvez
Por ella seja inda amado;
Póde ser, que inda possua
Esse amor tão desejado!...

Zalinda conserva-se inda de joelhos, junto ao Sultão, e orando por elle, exclama:

Oh meu Deus! velai por elle,
Chamai á vida Aladdin,
Que inda seja venturoso,
Venha a morte para mim!

O Sultão, voltando a si do desmaio, ouve a exclamação de Zalinda, e sorri, mostrando um semblante alegre. Zaira, que tinha estado voltada para o lado do principe, e o tinha analysado, diz para Schahriar:

Zaira.

Exultou d'amor, ventura,
Quando ao lado seu a viu;
Nas faces correu-lhe o pranto,
E para a joven sorriu.

O Sultão, chamando por Zalinda, diz-lhe:

E's tu, Zalinda, ou é sonho,
Quanto meus olhos 'stão vendo?!
E' verdade o que teus labios
Ha pouco estavam dizendo?...

O meu nome proferiste,
Quando oravas ao Senhor;
Tiveste de mim piedade,
Cessou emfim teu rigor!

Deos te pague, Anjo do Céo,
A ventura que me déste,
Que de novo amar a vida,
Tu, querida, me fizeste.

Entra um valido do Sultão, que acaba de chegar d'Hispanha, e aproximando-se delle, lhe diz:

De Hispanha na bella côrte,
Fiz, Senhor, o que mandastes,
E novas de D. Ramiro
Vos trago como ordenastes.

Zalinda mostra grande sobresalto ao ouvir o nome de D. Ramiro, seu amante.

O valido prosegue:

Da illustre, gentil donzella,
Os castellos procurei,
E ao conde, seu nobre irmão,
Em D. Ramiro fallei:

O conde do moço ousado
A historia triste narrou;
Dizendo, que de Mavorte,
Lá no campo se finou!

Zalinda.

Que escuto?! Desventurada!
Para mim tudo acabou!
Té a flor da doce esp'rança,
Essa mesmo já murchou!..

Sinto a vida já esvair-se !
Ah! succumbo á dor tão forte,
A luz me foge, e já sinto
A mão pezada da morte !...

Zalinda, ao dizer o ultimo verso, cáe exhausta e morre.

O Sultão levanta-se, e corre junto a Zalinda, que está nos braços de Zaira, e um medico chegando-se tambem a ella, e depois de a analysar, diz para o Sultão :

Fugiu-lhe da vida o sopro,
Já não existe Zalinda !

Sultão.

Já não vive, e eu, desgraçado,
Soffro esta existencia ainda !..

O Sultão, apontando para Zalinda, diz :

Sultão.

A estrella, que me guiava,
Já não luz, já se apagou ;
Para sempre a dura morte,
Sem piedade a eclypsou !

Depois ajoelha junto a Zalinda, e levando-lhe uma mão ao coração, diz:

Esta vida, que viver
Sem a tua não podia,
Junto a ti vem extinguir-se,
Findemos ambos n'um dia!...

O Sultão morre junto da sua amante, quando acaba de dizer o ultimo verso.

FIM DA 3.ª E ULTIMA SCENA.

INDICE.

	Pag.
Às Senhoras Portuenses	1
A' minha Patria	3
A' minha Lyra	5
Ao nascer do Sol	7
Ave-Maria	9
Horas de Tristeza.	11
Bernardim Ribeiro.	13
A Engeitada...	17
O meu Coração	19
Sapho	21
Na campa d'uma amiga.	25
O Pastor	27
A' morte do illm.º sr. J. R. da Costa. ...	29
Ao pôr do Sol.	31
A' Philosophia.	33
O Escravo	35
Ao dia natalicio do illm.º e exm.º sr. J. B. R.	39
A Noviça.	43
O Amor da Patria.	47

INDICE.

	Pag.
A' Saudade...	53
A' Religião	55
A virgem a desabrochar	57
No Album d'uma senhora	61
No mesmo Album.	63
Horas de Melancolia	65
Leandro e Hero	67
A Alegria	71
Arminda.	73
A Melancolia..	79
Despedida	81
A Tempestade	83
A Ausencia	85
A' morte do Visconde d'Almeida Garrett...	87
Junto a um Lago	89
Soneto	93
Soneto	94
Soneto	95
Soneto	96
Soneto	97
Soneto	98
Soneto	99
Soneto	100
Soneto	101
Soneto	102
Soneto	103
Soneto	104
Soneto	105
Soneto	106
Soneto	107
Soneto	108
Soneto	109
Soneto	110
Soneto	111

INDICE.

Pag.

Soneto... 112
Soneto... 113
Soneto... 114
A minha mãe, no dia dos seus annos... ... 115
Sonhei... 117
A' morte de S. M. Carlos Alberto. 119
A pedido d'uma senhora. 121
Alceo e Armia 123
A Ulina. 125
Mote. No livro dos Desgraçados... 127
Na vinda de S. M. ao Porto. 129
No regresso de S. M. para Lisboa 133
A uma senhora a quem morreu uma filha ... 139
A Nize... 141
Mote. Logo que eu nasci no mundo 143
A Nize... 145
No dia dos annos do illm.º sr. A. J. F. ... 147
A uma amiga, que casou contra vontade da familia. 151
Quadras. 155
A Avesinha 157
O Sultão Enamorado 159

APR 1934

ADVERTENCIA.

Alguma falta d'unidade orthographica não se lance á conta da auctora, nem tão pouco algum erro typographico de facil correcção, que, sem duvida, escaparia, em consequencia de ter adoecido a pessoa encarregada da revisão das provas.

LIBRARY OF CONGRESS
0 027 250 922 0